

Recuperação do México JORNAL DE BRASÍLIA 12 JUN 1984 Síndica Ext vai ajudar o Brasil

Heitor Tepedine

Nova Iorque — O coordenador da dívida externa do Brasil, Bill Rhodes, vice-presidente do Citibank, confirmou, ontem, ao *Jornal de Brasília*, em Nova Iorque, estar convencido de que as negociações que estão sendo efetuadas com o México poderão refletir-se nas renegociações do Brasil, acreditando que os bancos poderão ajustar as suas taxas significantemente, como resultado do êxito dos programas executados tanto pelo Brasil como pelo México.

Para Bill Rhodes, deve ocorrer uma absorção dos spreads, sem especificar como isto seria feito, mas existe a intenção de redução dos spreads como forma de compensar oscilações das taxas de juros. Atualmente o Brasil paga 2 por cento de spread sobre as taxas de juros internacionais, existindo a perspectiva de que esta taxa possa cair abaixo de 1,5 por cento, dependendo das pressões da renegociação da nossa dívida externa, estimada atualmente pelos banqueiros em torno de US\$ 93 bilhões.

No entanto, esta suposição leva em conta "se" o Brasil implementar o seu programa junto ao Fundo Monetário Internacional, o que vem sendo feito nos principais itens. Alguns setores em que vem ocorrendo falhas, como a expansão dos meios de pagamento (moeda em poder do público e depósitos à vista nos bancos comerciais), podem ser superados, principalmente levando-se em conta que o Federal Reserve (banco central norte-americano) erra constantemente suas previsões nesta conta. Para os economistas norte-americanos o importante é a contenção da base monetária, onde o governo tem controle absoluto, o que não ocorre nos meios de pagamentos, já que instrumentos de expansão monetária como, por exemplo, os cartões de crédito, dificultam esta tarefa, desviando os resultados esperados pelos bancos centrais.

Por outro lado, Bill Rhodes vem tratando de hipóteses, não existindo nada de concreto sobre a renegociação da dívida brasileira, porque a grande tempestade no meio financeiro internacional continua sendo a rebeldia da Argentina, apesar das pressões do Tesouro norte-americano para que assinasse o acordo com o FMI na última sexta-feira, o que não se concretizou. Segundo o *New York Times*, a Argentina afirma que o programa do Fundo Monetário Internacional é irreal, tanto política quanto economicamente.

No entender dos analistas norte-americanos, o FMI deve rejeitar o programa elaborado pelo governo argentino e que deveria ter sido ontem encaminhado àquela instituição. Segundo um observador, a carta de intenções que está sendo enviada pelo governo argentino não significa nada em termos concretos, mas tem o seu lado político positivo, deixando patente que a Argentina quer negociar com o Fundo. O temor é a Argentina simplesmente declarar que não negocia com aquele órgão.

Paralelamente ao problema argentino, ontem surgiu como o próximo insolvente o governo da Colômbia, apesar da dívida externa daquele país atingir apenas a US\$ 10,5 bilhões. As reservas colombianas caíram de US\$ 4,8 bilhões em 1981 para os atuais US\$ 1 bilhão, mesmo assim representados pelo ouro do país. Um banqueiro já declarou que se eles venderem este ouro isto não irá inspirar confiança. Contudo, os governantes colom-

bianos reclamam que não têm sido felizes na tentativa de levantar novos empréstimos, para cobrir apenas US\$ 600 milhões que devem precisar ao ano. O *The Wall Street Journal* diz que um governante colombiano declarou que "eu penso que estamos sendo penalizados por sermos o 'bom menino' da América Latina".

Segundo a mesma fonte, um representante de um dos maiores bancos norte-americanos, no seu departamento de Miami, disse que "os colombianos dizem que eles são diferentes. Mas, eles virão a nós com o chapéu na mão igual ao resto, se suas reservas continuarem caindo. Outro banqueiro disse que a Colômbia tem um problema de endereço: a América Latina.

No entanto, tudo indica que os banqueiros decidiram punir a Colômbia por assinar carta conjunta

tamente com o Brasil, México e Argentina solicitando uma forma adequada de pagamento dos seus débitos e redução de juros. O *The Wall Street Journal* ressalta que o representante do Chemical Bank, Lawrence Miller, que sindicalizou para a Colômbia um empréstimo privado de US\$ 210 milhões em 1983, declarou que "nós não podemos estruturar um financiamento até eles esclarecerem aquela carta".

Com o Brasil e o México sendo classificados pelos banqueiros e principalmente por Bill Rhodes como bons clientes do FMI, a pressão agora cai sobre a Argentina e de lambuja sobre a Colômbia, que resolveu entrar na briga sem saber se tem cativeiro para enfrentar os poderosos banqueiros, aguardando para saber se Alfonsin finalmente será dominado pelo sistema financeiro internacional ou não.